

A ARTE E O HOMEM – UMA VISÃO FILOSÓFICA

THE ART AND THE MAN – A PHILOSOPHICAL VISION

José Dettoni¹

*“Os deuses dançam”
(Nietzache)*

Nem os animais nem os anjos são artistas. Só os homens.

RESUMO: Viver esteticamente é exclusividade humana. Não é possível aos anjos nem aos irracionais, porque estes não têm a dimensão espiritual e aqueles não têm a material. Os homens têm as duas. A arte não é produto nem só do corpo nem só do espírito. É da dupla dimensão humana. Os homens se tornam deuses, isto é, vive um nível mais humano, ao “dançar”, ao vivenciar a arte (produzindo-a ou fruindo-a). Pela vivência estética, o homem transcende a individualidade, transformando-se em personagem. Nesse estado, o indivíduo não é mais ele; torna-se representante dos humanos de qualquer tempo e de qualquer espaço, acima de qualquer tipo de divisão e de classificação. Torna-se anônimo, no sentido positivo, universal: ele é mais do que todos os nomes individuais e individualizantes. A vivência estética ultrapassa o nível dos interesses, entra na vida gratuita, despida, livre, densa e intensa. Este nível de vida é mais humano e mais humanizante. A educação evolui muito, bebendo nesta fonte.

PALAVRAS-CHAVE: Arte. Filosofia. Educação. Humanização.

ABSTRACT: To live aesthetically is human exclusivity. It is not possible for angels, not even for irracionais because these do not have the spiritual dimension and those ones do not have the material dimension. Men have both of them. Art is not the product from the body only not even from the spirit. It is from the double human dimension. Men become gods, that is, they live in a more human level, in “dancing”, when they live art (producing or enjoying it). By aesthetically living, man transcends individuality, turning into a character. In this level, the individual is not himself anymore; he becomes a representative of humans of any time and from any space, above any kind of division or classification. He becomes anonymous, in the positive, universal sense: he is more than all the individual and individualizing names. Aesthetical living surpasses the interest level, gets into priceless, naked, free, dense and intense life. This life level is more human and more humanizing. The education evolves a lot when it drinks from this fountain.

KEYWORDS: Art. Philosophy. Education. Humanization.

A ARTE E O HOMEM

Porque os anjos não são artistas, e nem podem sê-lo? Porque são espirituais. Porque os animais não são artistas e não conseguem ser? Porque são materiais. Porque os homens e só eles são artistas? Porque não são só espirituais e nem só materiais.

Somos nós os humanos, seres espirituais e materiais, isto é, com dupla dimensão.

E a arte é coisa só de seres humanos exatamente por isso. A arte não é nem material nem espiritual. É fruto das duas dimensões. Sem a matéria ela não é

¹ Doutor em educação, diretor acadêmico da Faculdade São Lucas. Coordenador do curso de Metodologia do e Ensino Superior da Faculdade São Lucas Ex- Reitor da Universidade federal de Rondônia (UNIR).

possível e sem o espírito também não. Ela vai do mundo material ao espiritual e vice-versa.

A sensibilidade estética não é dos anjos e nem dos bichos. É só das pessoas humanas, porque não é mera sensibilidade física ou biológica, e nem pura espiritualidade. A sensibilidade físico-biológica, os bichos a têm. Não é espiritualidade; esta os anjos a têm. É sensibilidade supra-material, mas com base na matéria. Ela faz parte dos sentidos, mas vai além deles, elevada pelo espírito. A arte, portanto, é produto do espírito e da matéria. É casamento da matéria com o espírito.

O mundo artístico é mundo humano; só humano.

Todo o mundo da cultura é humano; só humano.

A arte é uma das facetas mais humanas do mundo da cultura.

Ao mundo da cultura também pertencem o trabalho, a ciência, a técnica, a filosofia, o direito e a religião.

Porque Nietzsche, grande filósofo, pouco compreendido, afirma que “Os Deuses Dançam”? Usando uma linguagem mítico-poética, pouco presa a conceitos muito rígidos, ele, nesta frase lapidar, que vale por uma grande tese de filosofia da arte, condensa o ensinamento de que o homem, quando produz arte ou a vivência, como fruído entra numa esfera supra-humana, a esfera dos deuses. A vivência estética eleva o homem acima dos sabores e dissabores do dia-a-dia, da utilidade, da preocupação com o ganho ou a perda, da ocupação com a compra/venda, com a ânsia pelo poder ou pelo dinheiro.

A vivência estética anda acima da vivência meramente bio-psicológica; desta os irracionais também participam.

Nietzsche, ao dizer que “os deuses dançam” não exclui as outras artes. Só toma a dança como representante. Representante de todas as artes. Ele quer dizer: os deuses (e as deusas) dançam, pintam, desenharam, fotografam, esculpem, arquitetam, produzem música, apresentam teatro, escrevem literatura. E, não esquecendo a arte popular, faz cordel, repentismo, trova. Os deuses são trovadores, além de dançarinos. São repentistas.

O ser humano, como pessoa, é, por natureza, um ser aberto. Aberto para todas as outras pessoas. É ser de relação. Essa relação não é só psicossociológica,

mas principalmente, ântropo-filosófica. A pessoa é tanto mais pessoa quanto mais aberta para as outras pessoas. Essa relação é tanto mais humana quanto mais humanizante, mais gratuita. A gratuidade é a marca mais forte da humanidade, da humanização.

A arte entra como uma das dimensões relacionais de maior gratuidade. O artista, enquanto artista, na produção ou na fruição estética, está acima do querer coisas, dinheiro, poder, honra fama e glória. Está na gratuidade, ainda que não na gratuidade perfeita, que é a essência do amor. Está na liberdade. Vive, enquanto artista, acima de qualquer pressão e opressão. É sujeito de si mesmo, centrado na sua obra, ou na fruição da obra de outro artista.

O artista vive, enquanto artista, na transcendentalidade. É o estado no qual a pessoa se sente igual, irmão, de todos os seres humanos, todos co-irmãos, acima de raças, sexos, idades, religiões, culturas, espaços e tempos.

Sente-se irmão/igual ao antigo e ao novo, à criança e ao ancião, ao culto e ao inculto, ao pobre e ao rico, ao analfabeto e ao pós-doutor. Está acima deste tempo e deste espaço, apesar de viver intensamente seu tempo e seu espaço. Está acima do passado e do futuro, porque está na presença densa do presente permanente. Para os “deuses” (os artistas, os homens, enquanto vivem a arte) estar em todos os lugares e não estar preso a nenhum, é “dançar”. A arte vence e tempo e o espaço, está acima deles e em todos eles. Isso é transcendentalidade da arte. Daí porque o artista (qualquer ser humano enquanto faz ou vivencia arte) se sente verdadeiramente irmão/igual a qualquer ser humano, de qualquer tempo e de qualquer espaço, de qualquer raça e de qualquer cor, de qualquer sexo e de qualquer idade, de qualquer religião ou condição sócio-econômica.

Esse é o sentido belo do personagem. Belo e profundo. O artista, enquanto artista assume um personagem, se torna personagem, isto é, despe-se da condição de indivíduo (com nome, endereço, sua identidade) e veste a condição supra-individual, tornando-se um representante de todos os homens, de todos os lugares, de todos os tempos.

Torna-se anônimo. Não no sentido pobre e negativo de não ter nome, mas no sentido de que nenhum nome individual o esgota; nem todos os nomes existentes sobre a terra lhe são suficientes, porque ele representa também todos os nomes dos indivíduos humanos futuros, que, ainda, não existem, mas que existirão ou poderão existir.

Quando Deus diz, no Antigo Testamento, “Sou Quem Sou”, afirma que nenhum nome o qualifica. Algo semelhante ocorre com o artista: nenhum nome o qualifica, porque está acima de todos eles. Com a evidente enorme diferença de que lá se trata de Deus e aqui de deuses, de seres humanos artistas, produtores o fruidores da arte.

Todas as qualificações, todas as definições e todas as divisões são superadas na vivência estética. Sente-se humano, mais humano, todo humano, nada mais do que humano. E nada menos.

Na arte e pela arte, na sensibilidade estética, o ser humano, e só ele, constrói a ponte entre a matéria e o espírito. Sem deixar de ser corpo, pelo espírito se torna como que um corpo universal, capaz de identificar-se com qualquer um, de qualquer tempo e de qualquer lugar. Pela arte, o homem ultrapassa o corpo, sem deixar de ser corpo e ultrapassa o espírito, sem deixar de ser espírito.

Pela linguagem da arte, que é universal, o ser humano se comunica, profundamente, com todo e qualquer ser igual a ele, humano, acima dos tempos e dos espaços, mesmo que permanecendo no horizonte do Tempo e do Espaço.

A universalidade da linguagem artística não é exclusividade da música, apesar de sua fama ser mais conhecida e decantada. E nem é mais da arte erudita do que da arte popular. Ser, a arte erudita ou popular, efêmera ou perene, não é preocupação do artista. É preocupação do crítico de arte, do acadêmico. A arte popular e a efêmera são tão transcendentais quanto a erudita e a perene. Por ser arte, não se preocupa nem com o tempo nem com o espaço. Ela só se ocupa. As pré-ocupações são de outra ordem. Não da vida artística. Entretanto, a arte perene mostra a ânsia humana de permanecer no tempo e a arte efêmera mostra a coragem humana de desprezar o tempo, de enfrentar o fim, de ser passageiro nesta vida, de aceitar a morte.

Pela arte, o homem traz o passado ao presente, leva o presente ao futuro, traz o futuro ao presente e leva o presente ao passado. Presentifica o Tempo. Traz o longe ao perto e leva o perto ao longe; aproxima e unifica os espaços; todo o longe se torna perto e todo perto alcança o longe. Unifica o Espaço. Trata-se de onipresença. Não a divina. Esta é de Deus, aquela, dos deuses. Porque dos deuses e não só de deuses? Porque a possibilidade dessa transcendência estética não é restrita a uma pequena elite, a dos chamados artistas, mas é de todos os seres humanos, enquanto artistas.

(Aqui se descortina um potencial imenso de educação pela arte. Muito longe ainda estamos de uma sociedade bem evoluída).

Construir mais prisões do que teatro é prova de imenso atraso humano. O papel da arte na educação ainda está na metade do a; falta quase todo o alfabeto. O homem não foi feito para prisões, mas para teatros.

Nietzsche, em outra passagem magistral de “Assim Falava Zaratustra” ensina que o homem passa por três fases:

A primeira é a do Camelo, na qual o ser humano se submete a todo tipo de imposições, não tem liberdade alguma e carrega seu pesado fardo.

A segunda é a do Leão, na qual o que conta e o que vale é a liberdade: ele é dono de si mesmo e se auto-determina.

A terceira é a fase da Criança, na qual o homem se torna criança, isto é, vive intensamente, na expansividade, na concentração distraída e na distração concentrada, no empenho desprezioso, na ausência de tempo e na onipresença do espaço, na alegria que é plenitude e na plenitude que é gratuidade.

A vivência estética não é menos do que tudo isso: conquistar o estado adulto do ser criança.

Virá o tempo em que a arte ocupará seu verdadeiro lugar na educação e na vida humana. Então a vida sobre a terra será muito mais humana, muito mais feliz.